

ESTUDO AMOSTRAL DA TRAJETÓRIA DOS AFRODESCENDENTES DA UFBA NA ÁREA DE CIÊNCIAS EXATAS

Ana Paula Queiroz dos Santos ¹
Matheus Rocha Peregrino ²
Helianildes Silva Ferreira ³

INTRODUÇÃO

A trajetória dos negros no Brasil demarca de um longo período de escravidão desde a colonização do território até o conturbado processo da abolição da escravatura em 1888. O preconceito, a discriminação e a desigualdade presente desde o regime colonial permaneceram como empecilho para a ascensão social as pessoas negras no país. Nesse contexto, como afirma Almeida (2005) a cor da pele clara implica no capital simbólico que favorece para ascensão social, sendo assim, representando um aspecto de exclusão para os negros em vários espaços na sociedade, como na educação.

No que tange ao cenário educacional, as Políticas de Ações Afirmativas surgem como um instrumento de inclusão social de grupos marginalizados à sociedade. A homologação da Lei nº 12.711/2012 que trata de tais ações gerou críticas, porém, a curto prazo se demonstrou como uma medida satisfatória nos segmentos de estratos sociais mais baixos e a população negra, quilombola e ameríndia tivesse acesso à educação superior (BRASIL, 2012).

Na situação atual do ensino superior a presença dos afrodescendentes se tornou mais representativa e que ainda caminha para um cenário de igualdade no país. No que concerne ao acesso à educação, em quantidade, o percentual de matrícula de pretos e pardos de acordo com o Censo do Ensino Superior no último levantamento, em 2016, subiu para 30% em comparação com o ano de 2011, registrado com 8 milhões de matrículas sendo 11% realizadas por estudantes pretos ou pardos (INEP, 2018).

Diante dessa nova realidade da Educação Pública Superior brasileira o estudo busca analisar a trajetória dos afrodescendentes na Universidade Federal da Bahia (UFBA) na área de exatas. Com vista a identificar os fatores propulsores e impeditivos que os estudantes dessa área perpassam em seus cursos. Este estudo se fundamenta na abordagem descritiva e quantitativa com coleta de dados através do uso de banco de dados de egressos da UFBA e da aplicação de questionários aos discentes selecionados para entrevista. A pesquisa constatou que 60,8% desses discentes, são do gênero masculino, estão na faixa etária de 20 aos 22 anos, entraram por cotas e são provenientes do sistema público de ensino. O levantamento identificou que cerca de 25% dessa comunidade foi vítima de discriminação por conta de sua cor, raça, gênero e condição social. Somado a isso, as principais dificuldades relatadas pelos os estudantes são de origem: financeira, psicológica, aprendizagem e não se identificam com o curso.

¹ Graduanda do Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia - UFBA, anapq@gmail.com;

² Graduando do Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia - UFBA, matheusblak10@gmail.com;

³ Professora do Instituto de Química da Universidade Federal - UFBA, helianildes@ufba.br;

Colaboradora do CEAO- Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade federal da Bahia- UFBA

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza descritiva e quantitativa, e teve como objetivo, analisar e acompanhar a trajetória dos afrodescendentes da UFBA com seu recorte voltado para os cursos das ciências exatas. Para tanto, colheu-se informações e dados por meio de entrevistas com alunos da área, com o intuito de conhecer seus percursos durante a graduação, suas demandas e principais dificuldades enfrentadas. As abordagens, conhecimentos e experiências de cada integrante, foi levado em consideração para elaboração do projeto, incluindo, deste modo, uma base de referência palpável para o público alvo. A pesquisa deu início em :13 de julho do ano de 2018 até a análise de dados em junho de 2019.

O planejamento e condução das atividades ocorreram nas seguintes etapas: elaboração e aplicação de questionário em todos os cursos das ciências exatas da UFBA, além de optar pela coleta de dados e a realização da pesquisa através de banco de egressos da universidade. O questionário foi aplicado presencialmente e via online, o mesmo obtinham 15 perguntas, entre elas: Como a pessoa se autodeclara; Qual curso está matriculado? Qual ano ingressou na UFBA? Por meio de cotas? Seu gênero e faixa etária? Trabalha ou trancou o curso? Esse estudante foi vítima de preconceito por sua cor, gênero e raça?

Este trabalho também é construído por meio do levantamento de fontes bibliográficas que embasam o caráter teórico e científico sobre o tema. Além disso, o projeto contou com a assistência do Prof. de Matemática e Estatísticas Gilberto de Assis, que auxiliou nas questões de prospecção tecnológica, quanto as de levantamento estatísticos de dados, análise estatística descritiva e inferial.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento teórico deste trabalho embasa a pesquisa sobre a trajetória dos afrodescendentes na UFBA na área de ciências exatas, explorando pelos os aspectos históricos sobre a participação da população negra no Ensino Superior e na busca dos fatores que desencadeiam para a evasão dos estudantes dos cursos, apoiando-se em pesquisas bibliográficas, estudos empíricos, autores, entre outros.

A análise sobre a trajetória dos negros pelo campo educacional é um foco de pesquisa ainda recente, que denota a preocupação para inserção e permanência desse segmento dentro das instituições de ensino. Ao investigar no passado, contata-se que desde do Regime Imperial, ainda presente a escravidão dos negros, as instituições incluindo o próprio Estado se valia de políticas impeditivas do acesso à educação por essa população. De acordo com Cruz (2005), nesse período o Estado articulou mecanismos mesmo para os negros libertos, assim, promovendo o distanciamento social entre negros e brancos:

Os mecanismos do Estado brasileiro que impediram o acesso à instrução pública dos negros durante o Império deram-se em nível legislativo, quando se proibiu o escravo, e em alguns casos o próprio negro liberto, de frequentar a escola pública, e em nível prático quando, mesmo garantindo o direito dos livres de estudar não houve condições materiais para a realização plena do direito (CRUZ, 2005, p.29).

O cenário educacional sofreu alterações diante das discussões sobre a criação políticas específicas promovida pelos movimentos sociais da comunidade negra. Em 1995 o movimento: Marcha Zumbi contra o Racismo, pela cidadania e pela vida marca o início dos protestos e reivindicações, de forma a impulsionar o debate nas esferas sociais e políticas. Com base no estudo de Santos (2012) e colaboradores, a partir desse momento começam a surgir diversas propostas de projetos, dentre elas uma política de ações afirmativas voltado para o ensino superior. Porém, este fato se concretiza em 2012, com

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

a Lei nº 12.711/2012 que trata da reserva de vagas no ensino superior destinada a população negra, quilombola, índios ou baixa renda oriundos da escola pública.

O efeito desencadeado pelas ações afirmativas proporcionou uma maior presença da população negra no ensino superior. O último registro, 2016, do Censo do Ensino Superior comprova isso, indicando o aumento de matrículas de pessoas negras nas universidades e institutos federais (INEP, 2016). Contudo, como ressaltam autores e pesquisadores da área a evasão dos estudantes tem se tornado um fenômeno cada vez mais recorrente dentro do ensino superior.

A evasão, como aponta Lobo (2012) em sua pesquisa sobre as possíveis causas desse fenômeno, enumera 8 razões associadas a insatisfação/frustração do estudante, ocasionando a sua evasão do curso. O autor cita a inadaptação do ingressante ao estilo do ensino superior, o déficit na formação básica, dificuldade financeira, precariedade dos serviços oferecidos, decepção com a pouca motivação e atenção dos professores, dificuldades com transporte, alimentação e ambientação; mudança de curso e mudança de residência (2012, p.18.)

No entanto, de acordo com Queiroz (2004) em sua pesquisa sobre a desigualdade entre negros e brancos nas universidades, analisando o perfil dos estudantes os estudos relacionados com a evasão estudantil concentram suas investigações em determinantes econômicos. Dessa forma, os fatores como gênero e raça que se revelam como marcadores de extrema significância no aproveitamento de oportunidades dentro das instituições de ensino, são omissas em pesquisa desse tema.

No estudo de Queiroz (2004), o autor também pontua para além dos fatores financeiros a questão racial se demonstra como seletiva em cursos considerados de alto prestígio, como medicina, engenharia civil e mecânica, direito, entre outros. A proporção dos negros nesses cursos é menor em comparação a presença de estudantes brancos. Sendo assim, abordando esse tema propõe-se a identificar os fatores envolvidos na evasão dos estudantes afrodescendentes no curso de exatas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), de modo que os resultados obtidos por esta pesquisa levem a discussão e ao fomento de medidas institucionais para a integração desses estudantes e na mitigação da evasão estudantil desses cursos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente trabalho, foram obtidos a partir da análise e coleta de dados realizado por meio de questionários dotados por um conjunto de questões, comuns e específicas sobre o período dos estudantes na graduação e serão descritos no decorrer do relatório.

QUEM SÃO ESSES ALUNOS?

Foram entrevistados 834 alunos, sendo que 60,8% eram do sexo masculino e 30,2% do sexo feminino. Sendo eles matriculados nos cursos de : arquitetura e urbanismo, Engenharia da Computação, BI em ciência e tecnologia, Ciência da Computação, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Física, Matemática, Química, Engenharia Elétrica, Oceanografia, Geografia, Estatística, Sistemas de Informação, Licenciatura em Computação, Engenharia de Minas, Tecnologia em Transportes Terrestres, Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia de Controle e Automação de Processo, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, Engenharia de Produção e Geologia.

DIFERENÇA DE GÊNERO: Participação Feminina nas Ciências Exatas

A entrada das mulheres na universidade, é considerado um marco histórico, proveniente de muitas lutas e resistência ao longo dos últimos séculos. Segundo o IBGE (2018), “para a faixa etária de 18 a 24 anos, o percentual de mulheres na escola é superior ao dos homens em 2,5 pontos percentuais (CMIG 23).”

Levando-se em consideração a amostra do sexo masculino, apenas 15,6% dos homens completaram a graduação, enquanto as mulheres chegaram a 21,5%, com indicador 37,9% superior ao dos homens (IBGE,2018). No entanto, quando comparado essa análise de gênero, sobretudo na área das ciências exatas, percebe-se que ainda há uma discrepância, como demonstram os resultados obtidos da UBFA, existe uma predominância do sexo masculino nos cursos das ciências exatas.

Carvalho e Rabay (2013), afirma que: “Carreiras científicas de prestígio na Física, na Matemática, na Computação e nas Engenharias permanecem como campos de conhecimento e de cultura masculinos.” Ou seja, a participação feminina nos cursos, historicamente considerado e empregado na sociedade como “cursos masculinos”, possui um número muito baixo, quase nulo.

PARTICIPAÇÃO DO NEGRO NAS CIÊNCIAS EXATAS

Dos entrevistados, 36,5% declaram-se negros, oriundos de escolas públicas, cuja faixa etária estar entre 20 a 22 anos. Pelos dados disponibilizados, foi observado que, em 2014, a maioria desses estudantes ingressaram na Universidade por meio de cotas raciais. Esse levantamento indica que a implementação das políticas afirmativas, surtiram mudanças positivas na universidade, ainda que de forma tímida, ampliou o acesso para esse grupo que durante décadas, foram e ainda é negligenciado. Toda via, nesse requisito, os números ainda chamam atenção, pois a cidade de Salvador, tem a maior ancestralidade africana do país, constatada no ano de 2010, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE. Apesar das mudanças ocorridas na instituição, esses resultados continuam inferior, a desigualdade educacional ainda predomina nessa área e o quadro continua drástico.

“Os negros (pretos mais pardos) somavam 2,425 milhões, ou 82,1% das 2,954 milhões de pessoas que viviam na cidade naquele ano. Por isso mesmo, além de capital da Bahia, Salvador tem o posto de capital negra do país” (IBGE, 2010).

TRAJÉTÓRIA E DESAFIOS

Segundo esse diagnóstico, várias questões norteadas pela pesquisa, provocam indignação. Muitos desses estudantes são vítimas de discriminação por colegas e até mesmo pelos próprios professores. Quanto à renda, ao analisar o perfil sócio-econômico dos alunos, 46,9%, declaram não trabalhar, pois recebem ajuda financeira das famílias. Embora, 32,1% um grande número, diz trabalhar. Dos que trabalham, apenas 22,9% largou o trabalho para se dedicar completamente aos estudos. Diversos acabam trancando o curso, devido a sua situação financeira, não tinham condição de se manter na faculdade, pois não eram amparados pela assistência estudantil da UFBA. Vale ressaltar, que quando analisar-se os alunos por cursos, percebe-se que a maioria dos estudantes da ciência da computação e matemática estudam e trabalham, enquanto os alunos da engenharia civil, mecânica e arquitetura, devido a sua situação socioeconômica, não precisam. Isso tem-se tornado um dos fatores evidente, quando se depara com a verdade concreta de que esses são os cursos de maiores prestígios, e por isso, os estudantes em condições privilegiadas, podem usufruir deles. É fato que em nossa sociedade predomina uma classe dominante, que cujos interesses prevalecem.

PROCESSO DE TRANSIÇÃO

Sabe-se que ao ingressar na universidade, os alunos passam por uma transição, e a realidade é conviver com conjuntos de acontecimentos, que para eles eram “novos”. Para Bourdieu (1973 apud Doray 2009), a trajetória escolar, corresponde a uma definição ampla, como uma sucessão de posições que o indivíduo ocupa ao longo da vida, nas relações de classes sociais; e, também, nos diferentes campos sociais nos quais ele evolui.

Bloomer e Hodkinson (2000 apud Doray 2009), definem o conceito de carreira educativa como uma carreira de eventos, atividades e significados e o fazer e refazer desse movimento através dessas atividades e eventos, e, ainda, uma carreira de relacionamento entre posições e disposições. Muitos, saem de sua cidade natal, para vir a Universidade Federal, buscando um ensino de qualidade. Por tanto, ao chegar tem um choque. Primeiro, o rompimento entre o âmbito familiar, é o momento de obter sua própria autonomia e formar sua própria identidade. Segundo se deparam com mundos diferentes, culturas diferentes, sem contar com diversos empecilhos que surgem ao longo desse processo e que eles devem encarar e superar. Assim, a chegada a universidade é algo delicado, que precisa de atenção, desta forma, nem todos conseguem se manter nela, e acabam abandonando o curso.

PRINCIPAIS DIFICULDADES

Ao perguntar aos estudantes dos cursos de exatas da Universidade Federal da Bahia, quais eram as principais dificuldades enfrentadas por eles durante a graduação, a análise mostra que as principais dificuldades foram: financeiras, dificuldades com as matérias ministradas, psicológicas e não se identificam com o curso. É importante ressaltar, que tudo isso reflete no modo pelo qual os alunos encaram essa jornada.

Esses estudantes, saíram à procura de realizar seu sonho, e idealizavam a faculdade como um espaço de acolhimento, mas que acabou se distanciando do que realmente lhe representavam. A desigualdade é algo extremamente cruel, que os roubam as forças, até os permitem sonhar, mas os colocam como vítimas, e os fez acreditar por muitos anos que os afrodescendentes não podiam ser engenheiros, que a filha da empregada não podia ser uma grande arquiteta, ou seja, que jamais aquela realidade iria mudar. Não há como refletir sobre o assunto, ignorando essas desigualdades. É necessário reconhecê-la e buscar superação. Como afirma Bourdieu em seu livro: “o sistema escolar não vai igualar as oportunidades ou dar cultura a todos, mas pode, no entanto, não reforçar a desigualdade”. (CATANI, 2007).

Outro ponto que chama atenção, é que: 44,8% dos entrevistados revelaram sofrer com problemas psicológicos, um fator preocupante visto que cerca de aproximadamente 40% desses discentes, acabaram sendo vítimas de discriminação por conta de sua cor, gênero, raça, sofrem com dificuldade financeira e dificuldades nas matérias ministradas. Ou seja, fatores de risco comuns para apresentar um quadro de depressão ou até mesmo a tentativa de suicídio.

Dentre os fatores de risco comuns para ideação, tentativas e suicídio, apontados por vários estudos, estão os eventos estressantes de vida, fraco apoio social, baixa auto-estima, uso de álcool, depressão, desesperança e pessimismo, dores frequentes (VILHJALMSSON et al., 1998).

CONCLUSÃO

Diante dos resultados apresentados, conclui-se que a pesquisa foi de extrema importância, pois possibilitou conhecer melhor o perfil dos estudantes da Universidade Federal da Bahia e todo o seu percurso durante a graduação. Desta forma, fica claro que é essencial fomentar e aprofundar o debate sobre as principais dificuldades dos

afrodescendentes nessas áreas, uma vez que o assunto é pouco debatido na Universidade e requer uma melhor e aprofundada reflexão. Assim, vale destacar também, a necessidade de debates sobre as questões de raça, cor e o papel da universidade quanto a suas heranças, perspectivas e seu papel social na formação desses alunos.

Ademais, tem-se como proposição conscientizar a UFBA sobre os preconceitos enfrentados por esses alunos na Universidade e os transtornos que os estudantes gerados no primeiro semestre do curso, afim de que se tenham uma atenção maior, pois é uma etapa delicada, na qual ocorre maior evasão. Na pesquisa, percebeu-se ainda, que os espaços em alguns cursos como as engenharias, arquitetura entre outros, precisam acolher melhor os alunos oriundos de escola pública que não tiveram uma boa base acadêmica e que não tem condições de arcar com as despesas da Universidade. Torna-se, portanto, necessário estabelecer políticas mais específicas para que alcancem esse público alvo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Naomar et.al. Ações afirmativas na universidade pública: o caso da UFBA. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2005.

BLOOMER, M; HODKINSON, P. Learning Carreira: continuity and change in young people's dispositions to learning. *British Educational Research Journal*, Vol.26, N.5, pg.583-597, 2000.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012.

CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. Gênero e Educação Superior: apontamentos sobre o tema. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CATANI, Denice Bárbara. A educação como ela é. *Educação: Bourdieu pensa a educação.*, São Paulo, v. no [2007], n. 5, p. 16-25, 2007.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 21 - 33.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil. n.38, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mapa da Distribuição Espacial da População Segundo Cor ou Raça: Pretos e Pardos, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Resumo Técnico: Censo do Ensino Superior 2016. Brasília, 2018.

LOBO, M. B. de C. M. Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções. ABMES Cadernos. Brasília, set./dez. 2012.

QUEIROZ, D. M. O negro e a universidade brasileira. *História Actual Online*, Cádiz, v.1, n.3, p.73-82. Invierno. 2004.

SANTOS, Diana V; SANTOS, Josimari V. **Um olhar à História da Educação dos Negros no Brasil: Demandas que impulsionaram a formulação de políticas de ações afirmativas para acesso ao ensino superior**. VI Colóquio Internacional. São Cristóvão, Sergipe. Setembro, 2012.